

INVENTÁRIO CULTURAL DE SOBRAL: A EXPERIÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS DE SOBRAL

Alecrides Jahne Raquel Castelo Branco de Senna¹

RESUMO: *O artesanato é uma prática cultural que está relacionada à identidade local. A exploração das potencialidades turísticas, baseadas nas práticas culturais e no patrimônio histórico, é alvo de políticas públicas. A organização de produtores culturais como artesãos é uma forma de beneficiar a categoria e, em contrapartida, de preservação da identidade local.*

Palavras-chaves: Cultura; Identidade; Artesanato.

INTRODUÇÃO

O artigo que apresento é o resultado de uma pesquisa realizada no período de maio a dezembro de 2004, na cidade de Sobral, Estado do Ceará com o apoio da FUNCAP, órgão de financiamento à pesquisa científica do Estado.

Na tentativa de lançar as bases para um conhecimento evidenciado, minucioso sobre o povo sobralense, o Inventário Cultural de Sobral tem como objeto de estudo as práticas culturais do povo sobralense, em todas as suas manifestações. Fontes primárias – através de pesquisas etnográficas - e dados bibliográficos foram os principais materiais utilizados para fazer as reflexões sobre o conceito de cultura e artesanato.

O tema é pertinente à realidade sobralense em vista de seu potencial turístico, em fase desenvolvimento. É notória sua atual visibilidade dentro da agenda turística do Ceará, por ser tombada como patrimônio histórico nacional pelo IPHAN, de estar se tornando um centro de turismo empresarial e haver um beneficiamento das potencialidades culturais e áreas de lazer. Esses objetivos têm sido perseguidos pela prefeitura do município, nas últimas gestões.

A categoria artesanato é o enfoque deste artigo. Início a análise com reflexões sobre o que se entende por artesanato, relacionando-o com uma conceitualização de cultura. Dentro da perspectiva elaborada, questiono a noção de turismo sustentável baseada nas práticas culturais e a ordenação das áreas de lazer em função dessa indústria de serviços.

1. ARTESANATO E CULTURA

A produção cultural de uma população reflete a auto-estima que este mesmo grupo tem por suas raízes e tradição. A cultura de um povo manifestada através de sua música, artesanato, literatura, religiosidade, festas, danças e demais produções culturais de foro artístico e folclórico revelam a profundidade com que está construída a identidade local.

O artesanato não é visto ou encontrado somente aqui no Nordeste do Brasil, mas pelo Brasil e pelo mundo. Faz-se necessário dizer, antecipadamente, que existem duas formas – em meu trabalho - de tratar o assunto: o artesanato como atividade tradicional e identitária, e ele dentro do contexto turístico. Ele é uma atividade que tem vindo a se identificar cada vez mais

¹ Graduanda do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, ex-bolsista de Iniciação Científica da FUNCAP. Orientadora: Regina Celi Fonseca Raick, Mestre em História da Arte pela UNL, professora titular do Curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA.

como característica do povo nordestino no roteiro turístico brasileiro, não somente por ser algo facilmente encontrado e difundido na região, mas por suas peculiaridades. Pergunto-me: afinal, o que há de especial no artesanato nordestino? O que há por trás do fazer artesanato dentro desse contexto sócio-cultural e econômico?

1.1 O artesanato e a atividade artesanal

Na Antropologia existem inúmeras definições de cultura, todas com suas próprias concepções e de acordo com seu contexto histórico. Entendemos que o conceito tem pontos gerais e particulares. A cultura não se resume apenas a práticas ou costumes, pura e simplesmente; ela é também um complexo de significações. Todas as atividades trazem consigo uma visão de mundo decorrente do complexo de significações em que os indivíduos estão inseridos.

A atividade artesanal é bastante associada a questões culturais de identidade, de autoafirmação do grupo social que produz esse tipo de bem, ou desenvolve essa atividade. É o ponto trabalhado nessa pesquisa: *a atividade artesanal como materialidade da identidade*, tendo a matéria-prima e o trabalho como os principais meios de realização.

A partir dessa concepção é que a atividade do artesanato é entendida. Todas as formas de artesanato têm um significado próprio na formação histórica do povo cearense. São símbolos de atividades cotidianas de vivência e sobrevivência; de estratégias de manuseio das matérias-primas disponíveis para o uso. São cerâmicas para a cozinha (potes e jarros), chapéus e esteiras de palha para proteção contra o sol, couro para chinelos, chapéus, arreios, etc. Todos com sua razão de existência explicada no uso cotidiano em que são produzidos.

O artesanato não é, e isso deve ficar bem claro, uma produção industrializada; por esse motivo enfatizo que ele está relacionado ao cotidiano, ao manual, ao tradicional, àquilo que é comum. É uma questão antiga, da qual Marx lançou mão em seus estudos sobre a produção no sistema capitalista e que ele explora muito bem em sua obra “O Capital”². O artesão conhece todas as etapas de confecção do produto, que é fruto de seu trabalho, mesmo que isso implique uma comunidade familiar produtiva. Ele é detentor do conhecimento de construção daquele produto, daquele bem. Ele não é um alienado, no sentido do que é fruto de suas mãos. E mais, não só de suas mãos, mas de sua imaginação.

Eis a questão principal: o bem cultural só o é de fato por ser fruto das mãos do artesão, que não é alienado quanto à construção do bem de que ele próprio é o criador. Por isso denominados de *materialidade da identidade*. É uma criação de um indivíduo pertencente a um meio cultural, possuidor e transformador de significações e símbolos de sua cultura; indivíduo que é capaz de personificar e materializar sua visão de mundo, através da estética dos seus objetos. É como a obra de um pintor que utiliza técnicas conhecidas de sua época, o seu conhecimento da realidade e transporta para a tela suas idiossincrasias, ou seja, sua maneira de ver o mundo a partir de sua condição cultural.

Um outro fator significativo nesse contexto é a matéria-prima local. O bem cultural é produzido a partir do que está disponível na natureza e no ambiente do indivíduo, como no caso do uso do couro na cultura nordestina³. Historicamente, essa região era tomada por rebanhos de várias espécies de gado, mas principalmente de bovinos; o boiadeiro (ou vaqueiro) precisava atravessar a caatinga – é uma mata muito rude e cheia de espinheiros – e usava roupas de couro para se proteger da agressão da mata, como também dos raios solares.

² Mais precisamente no Livro I. Vol. 01. p.536.

³ MOTA JUCÁ, Gisafra Nazareno. À guisa de introdução – O espaço nordestino: o papel da pecuária e do algodão. IN: SOUZA, Simone (coord.). **História do Ceará**. 2ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, NUDOC, UFC, 1994.

Os chapéus de palha são produzidos por estar disponível a palha da carnaúba, que é uma planta comum no Ceará (no caso particular), principalmente na região do Vale do Jaguaribe, embora possa encontrá-la em todo o Estado. Esta também é a palha utilizada nos produtos sobralenses. O chapéu, fora desse contexto, era um aparato da moda (o que ainda não deixou de ser) muito utilizado na Europa – o mundo civilizado da época da colonização brasileira. É interessante que mesmo o chapéu feito do material utilizado pelo homem nordestino era aparato da moda, mas, no caso destes, tratava-se de utilitários. Essa reflexão indica que todo tipo de objetivização cultural, – produto cultural – ou realidade estudada, deve ser contextualizada.

O artesanato é a materialização da visão de mundo, é a representação materializada de tradições e dos costumes cotidianos de um povo, daquilo que ele tem como seu e daquilo que lhe é importante. Ele transforma isso em utilitários e em decoração – sendo esta um ponto significante na identificação de símbolos culturais, retratados através de lendas e contos folclóricos.

O fato é que essas lendas e contos retratados, a beleza dos trançados, das rendas e crochês, o conforto produzido pelas redes e esteiras para outras culturas, torna-se algo pitoresco. Nesse ponto é que o artesanato deixa de ser apenas produto cultural, para ser também produto turístico. Ele é algo para ser mostrado e apreciado, é algo para ser produzido, vendido, comprado e usado.

2. O CEARÁ NO CONTEXTO TURÍSTICO: AS RELAÇÕES ENTRE TURISMO E DESENVOLVIMENTO

A afirmação de que o Ceará ou a Região Norte é conhecida no roteiro turístico brasileiro por este ou aquele produto cultural se refere à propagação de pacotes turísticos que exploram potenciais locais. Nesse ponto, a produção artesanal, que é o nosso objeto de estudo, deixa de ser vista apenas como produção artística local utilitária, para se tornar produto de mercado.

O discurso não é apenas o de preservação de raízes identitárias, mas de aproveitamento de potencialidades culturais, objetivando o desenvolvimento da região em questão. É difundida então uma prática ‘cultural’, visando a atração de capital externo para a localidade. O que antes era uma prática tradicional, como o fazer crochê passado de mãe à filha – uma questão cultural – passa agora a uma produção para venda. Aprender a fazer crochê não é mais uma atividade familiar, mas de mercado, de produção, de sustentabilidade. Entra o discurso sobre desenvolvimento local e sustentabilidade que visa à melhoria das condições de vida da população local, aproveitando para isso suas potencialidades culturais e naturais.

A noção de desenvolvimento entendida nesse caso é o processo através do qual uma sociedade utiliza crescente, cumulativa e auto-sustentadamente a sua capacidade produtiva – expressa na sua ampla dotação dos fatores produtivos, no sentido de canalizar essa capacidade para aumentar em quantidade e em qualidade os bens e serviços disponíveis. Isso inclui, além da exploração de fatores históricos – no caso de Sobral museus, patrimônio histórico-culturais (entendidos como espaços públicos e edifícios) - fatores culturais como as festas locais tanto as religiosas como as folclóricas, artesanato, artes plásticas, artes performáticas, literatura e outros.

Valorizar objetivamente e dar ao patrimônio histórico-cultural e natural de uma região um caráter de forma de empreendimento econômico, significa, necessariamente, alguma transformação nestes patrimônios. Tomado dessa forma, o turismo envolve não só aspectos econômicos, mas também políticos, sociais e culturais.

No caso do artesão que usa matéria-prima nativa (sementes e palha, por exemplo), para confeccionar seus produtos, existe por parte dos governos locais o interesse de preservar a mata nativa e da secretaria de cultura e turismo de expandir o turismo cultural. Há então que

considerar que a preservação da mata vai possibilitar ao artesão que continue a sua atividade produtiva, porque ele ainda terá ao seu dispor a matéria-prima necessária. Esse é o desenvolvimento sustentável na questão do artesanato. Mas, como explorar o patrimônio tombado pelo IPHAN se o desgaste pode ser irremediável? Como enquadrar essa categoria dentro do quesito desenvolvimento sustentável? Entre essas e outras questões ficam as danças folclóricas, as festas religiosas e outros.

Eis um quadro que exemplifica a potencialidade artesanal no Estado do Ceará⁴:



Figura 01

2.1 O Contexto do artesanato em Sobral: a experiência da ASAS – Associação dos artesãos de Sobral

A atividade do artesanato em Sobral também é uma prática histórica, nos moldes da que foi discutida antes, como uma cidade que subsistiu durante muitos anos com o comércio do couro⁵, inclusive no ramo das exportações não só dessa matéria-prima, mas de outros produtos naturais típicos da região. Os contatos de Sobral com o mundo se davam pelo porto de Camocim,

⁴ Fonte: SEBRAE - CE

⁵ SENNA, Alecrides J. R. C. B. *Visões da Sobralidade*. Inédito.

sendo que a cidade preferia manter contatos comerciais e intelectuais com o exterior – principalmente E.U.A. e França – do que com a capital do Estado. Esse, dentre outros motivos, fazia dessa cidade um lugar com um sentimento especial quanto à sua identidade local; é o que os sobralenses chamam de ‘sobralidade’, expresso na fala de seus habitantes, mas, principalmente, na imprensa local, quando pesquisamos os jornais.

O sentimento de preservação dessa identidade é um dos motivos que regem as políticas culturais e também as bases de formação das associações pró-cultura. Os discursos produzidos são sempre o de resgate e/ou preservação das raízes. O que não acontece diferentemente com a ASAS – Associação dos Artesãos de Sobral - que tem como prioridade a preservação desse patrimônio cultural e a divulgação dos trabalhos dos artesãos de Sobral e das cidades-satélites⁶. Como é o exemplo da sua atuação conjunta com o PSF do distrito de Rafael Arruda, onde estão tentando resgatar a prática da tecelagem com algodão cru e tintura natural; também apóia a comunidade de artesãos da palha em Patriarca, outro distrito de Sobral.

A ASAS trabalha no sistema de parcerias, e, desde seu início, em 2001, ela tem parceria com o SEBRAE, a Prefeitura, a Universidade Estadual Vale do Acaraú e PSF's. O apoio da prefeitura consiste em infra-estrutura básica para o funcionamento da associação (local para reuniões e expediente) e local de funcionamento das feiras promovidas pela entidade. O apoio do SEBRAE consiste no oferecimento de cursos de capacitação para os artesãos, são cursos voltados para uma boa apresentação e venda dos produtos – como um dos cursos “Aprendendo a Empreender”, onde eles aprenderiam como investir melhor e fazer um bom marketing de seus trabalhos. No caso da Universidade, é um trabalho de acompanhamento da associação e dos artesãos, trabalho de extensão desenvolvido pela Professora Regina Raick, antropóloga e pesquisadora dessa área temática. O PSF é um programa que tem um sistema de trabalho e atendimento à população bem abrangente, o que facilita um melhor conhecimento e acesso à comunidade local; segundo o coordenador, essa parceria tem sido de grande valia para encontrar os artesãos e manter contato com eles.

A ‘feira de artesãos’ na verdade foi o marco inicial de todo o processo construtivo da proposta de criação da ASAS. A primeira feira, realizada em agosto de 2001, nasceu da necessidade de um artista de expor seu trabalho. Como artesão da tipologia mineral e conhecedor dos potenciais e de trabalhos de outros colegas, teve a idéia de convidá-los, lançando a proposta da feira. Foram realizadas algumas assembléias, também convidando representantes da secretaria de cultura de Sobral, sendo então aprovada a idéia. Posteriormente à realização da primeira feira, é que houve a eleição para o primeiro diretório da Associação, sendo eleito como coordenador Gilberto Burman, o artesão que deu início a todo esse processo, sendo reeleito nas votações subsequentes.

As reuniões da associação, realizadas periodicamente, têm lugar não apenas para as questões administrativas financeiras e deliberativas, mas também há um espaço para o julgamento de trabalhos de artesãos que pleiteiam sua entrada na associação, e, conseqüentemente, participação na feira. Os produtos passam de mão em mão e cada artesão presente dá seu parecer sobre a qualidade e a veracidade do artesanato. Ali eles decidem se o produto é ou não artesanato genuíno, se é uma novidade – no sentido do designer, acabamento, inovação, etc; sendo aprovado, terá seu espaço entre os já existentes.

Os benefícios de um associado consistem não apenas na exposição de seu trabalho na feirinha com caracteres turísticos, pois é realizada visando a população de turistas que visitam a cidade, mas também participação na exposição de artesanato que é realizada na Casa de Cultura de Sobral. De 13 a 26 de agosto de 2004, foi realizada a VII Mostra de Artesanato do Ceará

⁶ Todo o conhecimento que temos sobre a criação e motivos que regem a associação foi construído a partir de entrevista com o seu coordenador.

“Mãos que Transformam”, organizada pela Professora Regina Raick, que teve a participação de artesãos de todo o Estado.

2.2. As Categorias encontradas entre os artesãos da ASAS

A organização de grupos de indivíduos com interesses comuns pode maximizar as potencialidades de comércio e a possibilidade de um espaço significativo na esfera turística local. É o que acontece com os artesãos em Sobral. Fragmentados, a viabilidade de crescimento individual é menor no sentido da propaganda, comercialização e capacitação. A proposta da associação seria a aglutinação e formação de um potencial turístico para a cidade, em contrapartida a um benefício para os que dela participarem.

Encontramos entre os artesãos associados as seguintes categorias:

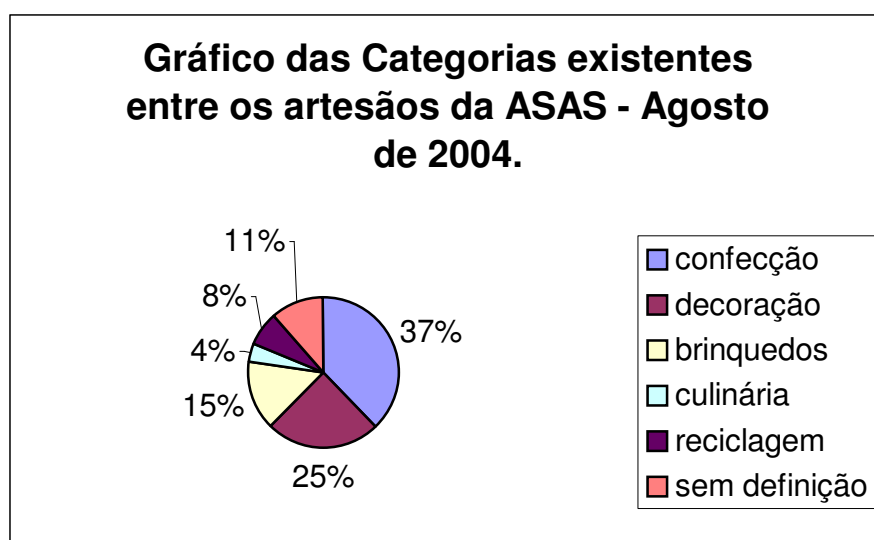


Gráfico 01

A categoria confecção foi que demonstrou maior diversidade. A diversidade que existe a partir das categorias é pequena em relação ao que existe dentro das tipologias. São diversos materiais: tecidos, jeans e retalhos (roupas, bolsas, chapéus e bonecas); couro (chinelos, sandálias, cordões e braceletes); madeira (utensílios domésticos, brinquedos, esculturas e enfeites de parede e mesa); quadros em tela, madeira e azulejos; artesanato com cerâmica (quadros, vasos e outros enfeites); artesanato com materiais da flora nativa (cabaça, sementes, coco babaçu); artesanato com materiais reciclados (papel, garrafas descartáveis, tampinhas de garrafa, arames).

Afirmar que há uma diversidade grande de tipologias e produtos não significa que os problemas não existam. Como a associação é nova, a questão da qualidade dos produtos é muito discutida e lembrada constantemente durante as reuniões. É uma preocupação constante quanto ao que seja artesanato ou não. Alguns produtos, como as bonecas e as bijuterias ficam em evidência, pois, quando o assunto é levar para uma mostra em eventos, eles não podem participar.

A feira dos artesãos possui a barraca de comidas típicas, mas entre elas – que são poucas – está o pão americano e ainda a coca-cola, entre outros que não fazem parte da culinária nordestina, cearense e muito menos local; onde deveria existir o baião-de-dois, a carne-de-sol, o doce de caju, suco de caju, cuscuz, canjica, etc.

CONCLUSÕES

Convencionou-se que seria importante não apenas realizar um mapeamento das categorias, tipologias, localização no mapa de Sobral e transformação dos dados estatísticos em tabelas e gráficos. Era necessário um trabalho mais minucioso e específico, daí a idéia da etnografia. As etnografias não foram feitas deliberadamente, mas acompanhadas de reflexões sobre os dados que iam surgindo; então, além da criação do banco de dados (fichas, tabelas, gráficos e fotografias), foram feitas reflexões de nível conceitual e epistemológico sobre cultura, cultura popular, folclore, Arte, trabalho e gênero e trabalho informal.

O artesanato é muito associado a um trabalho feminino, próprio das mulheres, por ser algo realizado mais comumente no ambiente familiar, ou num ambiente relacionado ao familiar. O número de mulheres entre os associados foi muito superior ao de homens (ver gráfico 04). Isso pode indicar não apenas uma questão de preconceito, machismo ou coisas afins – pois isso foi algo absolutamente repudiado entre alguns dos artesãos entrevistados.

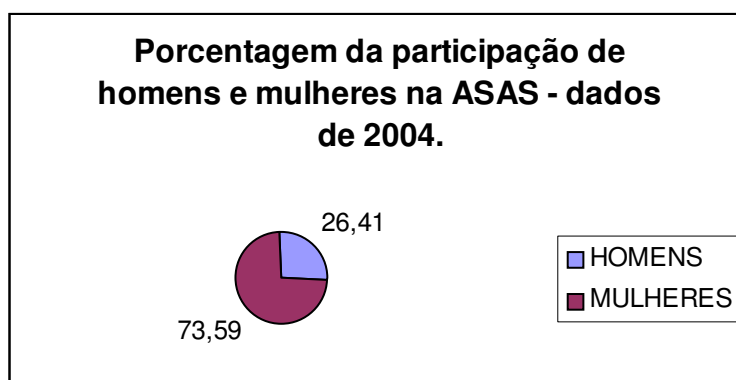


Gráfico 02

Existe uma predominância de atividades relacionadas ao gênero feminino: bordado, boneca de pano, bijuteria e pintura em tecido o que pode ser explicado pelo fato de existir um número maior de mulheres associadas a ASAS. Mas, o que fazem essas mulheres e esses homens além da atividade do artesanato? Das 53 fichas analisadas, apenas 20 artesãos exercem outra atividade, ou seja, são 37,73% do total. As atividades que eles exercem são suas profissões. Existem desde pedreiros, costureiras, funcionários públicos, professores, domésticas, agentes de saúde, cozinheira, funcionário de banco e até massoterapeuta, entre outras. Pessoas em tratamento psicossocial também participam das atividades da feira. O CAPS-AD realiza atividades de terapia através do artesanato, por isso sua ligação com a associação.

Existe a problemática da renda familiar, ou da complementação da mesma com a participação de alguma atividade da mulher; o que não implica a necessidade de abandonar o lar atrás de uma fonte de renda. A afirmação é proveniente do fato de que a maior parte dessas mulheres é casada e estão na faixa etária da meia-idade (ver gráfico 06). São mulheres com um grau de escolaridade em Nível Médio – sua maioria – e que, apesar de parecer que é um grande número que trabalha, a proporção é de 39 para 14.

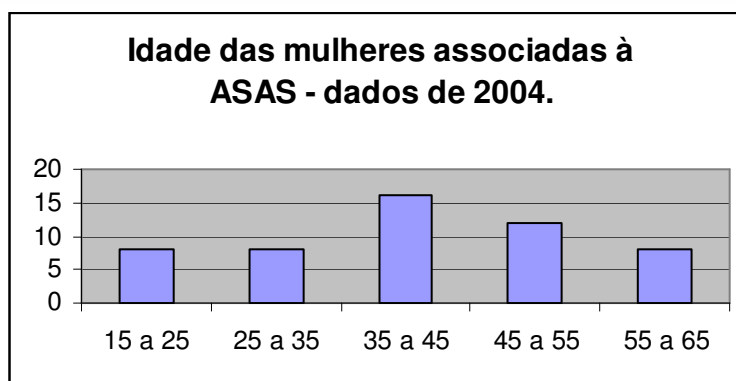


Gráfico 03

Os gráficos trazem dados que indicam mais uma questão importante: a do trabalho informal. O número maior de associados é de mulheres entre 35 e 45 anos e apenas 36% exercem outra atividade além do artesanato. Desses 36%, que representa 14 mulheres, 11 são casadas. Como já foi dito, com o nível de escolaridade que possuem, casadas e de meia-idade, para ajudar na complementação de renda, só existe uma saída no mercado de trabalho: o mercado informal. Para este, não existem questões sociais o bastante que impeçam algum participante da mão-de-obra excessiva de encontrar atividade. Ele é viável para qualquer indivíduo que tenha a precisão e a disposição de fazer algo, embora não ofereça ao trabalhador garantias que ele teria quando tem sua carteira de trabalho assinada; em contrapartida, o trabalhador pode ganhar mais do que sua capacitação profissional comprovada lhe ofereceria.

Com um bom nível escolar ou sem ele, no mercado informal existem muitos trabalhadores que buscam o provimento de suas famílias. Os artesãos de Sobral não fogem à regra do sistema de mercado capitalista. O trabalhador faz parte do mercado formal ou informal, e a indústria do turismo é um vasto campo que engloba ambos. Existem roteiros sistematizados e oficiais, trabalhadores especializados e capacitados (com nível superior, e larga experiência profissional), como também os agregados em volta dessa rede oficial. Portanto, há o artesanato oficial, turisticamente conhecido e largamente potencializado, como também aqueles que estão à sua volta, buscando seu espaço no mercado nacional e internacional, ou apenas sobrevivendo no mercado local e sem pretensões.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular**. 14ed. São Paulo: Brasiliense, 1990 (Coleção Primeiros Passos - 36).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1993 (Coleção Primeiros Passos).

CANCLINI, Nestor García. **A produção simbólica: teoria e metodologia em Sociologia da Arte**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

COLI, Jorge. **O que é Arte**. 11 ed. São Paulo: Brasiliense, 1990 (Coleção Primeiros Passos – 46).

FROTA, Maria Helena de Paula, *et al.* *Trabalho terceirizado e autônomo de mulheres: redefinição entre espaços público e privado*. IN: **O Público e o Privado**. Caderno dos Núcleos e Grupos de Pesquisa vinculados ao Mestrado Acadêmico em Políticas Públicas e Sociedade da Universidade Estadual do Ceará. N°01 janeiro/junho de 2003.

GEERTZ, Clifford. “*O Senso Comum como um Sistema Cultural*” IN: _____. **O Saber Local: novos ensaios em Antropologia Interpretativa**. 4.ed. Trad. Vera Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2001.

HOEBEL, Adamson E.; FROST, Everett L. *Cultura e Cosmovisão*. IN: **Antropologia Cultural e Social**. Trad. Euclides Carneiro da Silva. 5ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

IPLANCE – **A inserção do planejamento turístico governamental no desenvolvimento sócio-econômico do Ceará**. Elaborado por Ireleno Porto Benevides. ---- Fortaleza, 1994.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986 (Antropologia Social).

LAUER, Mirko. **Crítica do Artesanato**. Tradução Heloísa Vilhena de Araújo. São Paulo: Nobel, 1983.

LIRA, Pe João Mendes. **Nossa História**. Sobral: s/e, 1971.

Municípios do Ceará. “*Encarte especial do aniversário de Sobral*”. Fortaleza: n° 17, p.p 11-25, julho de 1999.

MOTA JUCÁ, Gisafran Nazareno. *À guisa de introdução – O espaço nordestino: o papel da pecuária e do algodão*. IN: SOUZA, Simone (coord.). **História do Ceará**. 2ed. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, NUDOC, UFC, 1994.

RIBEIRO, Berta G., ALVIM, Maria Rosilene Barbosa, *et al.* **O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE/Instituto Nacional do Folclore: 1983. 153p.

www.ceara.com.br **O folclore no Ceará**.

_____. **O artesanato no Ceará**.

www.sebrae.ce.gov.br. **Irmãos do Ceará: programa SEBRAE de artesanato**.

www.secult.ce.gov.br/LEI/Lei.asp. **Lei Estadual de Incentivo à Cultura**, Lei N° 12.464 de 26 de junho de 1995.

“*214 anos da elevação de Caiçara a Vila Distinta e Real de Sobral*”. **O Povo**. Edição da Zona Norte, n° 14. Sábado, 04 de julho de 1987.